

HILÁRIO; Daniele Gomes ¹

RESUMO

Autor(a): Daniele Gomes Hilário

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA ESCOLAR: UMA REFLEXÃO SOBRE O LIVRO *ERNESTO*, DE BLANDINA FRANCO

I. Violência escolar: abordagens e desafios

A definição de violência escolar tem múltiplas interpretações. Afirma-se que algumas visualizam seu significado como ações que afetam negativamente o receptor, já outras associam que é preciso relacionar o meio social como fator que influencia diretamente nas proporções desses episódios (Bispo et. al., 2010). Sendo então um fator de preocupação crescente nos últimos tempos pela sua multiplicação e entendendo o espaço multifacetado em que a violência se estabeleceu, são consideradas também as percepções individuais para o entendimento e enfrentamento da mesma (Giordani et al., 2017).

Silva et al. (2010, p. 108), após revisões sobre como a escola enxerga a violência em seu ambiente, detectaram que tanto os professores quanto os alunos sentem o impacto da sua ocorrência no cotidiano escolar, entendendo que isso não interfere apenas em relação ao seu aumento como também em relação aos seus efeitos a longo prazo. Forlim et al. (2014, p. 368-369), em seu estudo sobre impacto da violência, em especial o *bullying*, na vida dos perpetradores e vítimas na escola, avaliaram que a grande maioria de vítimas tem alta possibilidade de desenvolver transtornos mentais, como estresse pós-traumático, ansiedade e, principalmente, depressão. Dessa forma, com passar do tempo, essas experiências passam a interferir no psicológico das pessoas e em como elas reagem aos seus ambientes, causando, assim, uma disfunção do seu papel no meio social, deixando incerteza sobre o modo de se posicionar, temendo uma reação negativa. Mesmo na vida adulta, a tendência tanto do agressor quanto da vítima é manter comportamentos impulsivos pela ausência do amadurecimento emocional, que é desenvolvido durante a interação com outras pessoas.

Silva et al. (2017, p. 617) observaram que os professores, em relação à violência escolar, não têm habilidades de observações adequadas para identificar determinados tipos de violências na escola. No mais, o docente, em seu local de trabalho, devem ter consciência que sua função é uma mediação de identidades, logo tem a responsabilidade de abordar intervenções adequadas. Contudo, para isso, é preciso reconhecer o impacto que a violência tem dentro das redes de ensino, principalmente entre alunos e, a partir disso, buscar estudos teóricos e empíricos relacionados ao tema para discernir sua complexidade, podendo, assim, fazer uso de ações apropriadas para a realidade de cada instituição.

A violência relacionada com o professor explicita perspectivas não evidentes para o saber comum, pois, enquanto, por um lado, o professor, em sua posição, é visto como uma autoridade em sala, ele pode também se sentir violentado, tanto por falas ofensivas e ações agressivas, como também por práticas físicas violentas. Assim, conforme Giordani et al. (2017, p.106-107), o professor, ao se distanciar dos seus alunos, rompem a relação de mediação e sensação de segurança que deve ser primordial dentro da sala de aula. Logo, os alunos, mesmo que de modo inconsciente, encontram empecilhos entre o docente e a turma. Em contrapartida, os professores também são afetados por essas ocorrências de violência, nas quais são infligidos por agressões verbais, ou em casos extremos, agressões físicas dos alunos, sofrendo negligência por parte da equipe escolar e governo, isso porque eventos como esses que causam frustrações nos docentes que podem, com o passar do tempo sentirem insatisfação, desânimo, desgaste mental pela exaustão do trabalho por não receberem nenhum suporte para promover alternativas de direcionamento para construir um ambiente que transmita aceitação, afeto e acolhimento.

A violência externa também é outro fator influente que impacta diretamente nas redes de ensino, esses casos são frequentes em diferentes meios sociais, como trabalho, templos, ou escola. Bispo et al. (2010, p.163) definem esse tipo de violência com "violência objetiva ou sistêmica", que "é sustentada pelos jogos de relações sociais, políticas e econômicas, podendo ser demarcada no próprio discurso como referida à sustentação de laços de dominação e de exploração". Podendo ser espelhado em formas de discriminação com base nas condições sociais, raciais, políticas, de um grupo considerado inferior para uma dada população. Podendo ser abrangida com a lei nº 9.459 (discriminação ou preconceito), pela qual "se o indivíduo praticar, induzir, incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional pode pagar pena de um a três anos, com multa". Além disso, essa forma de violência engloba vínculos de dimensões demasiadamente complexas das demais pelo fato da prática violenta não impactar apenas uma pessoa como também a base cultural de uma identidade própria, apresentando uma aglutinação com interfaces de relação e poder. Por esse motivo que, no do meio educativo, caso o agressor seja o aluno, mesmo que seja o mais frequente, a penalização por si só, como a suspensão, não surtirá os efeitos esperados, podendo até intensificar o desejo dos praticantes de continuarem com os atos, isso porque seu emocional ainda está em processo de desenvolvimento; as formas de lidar com estímulos negativos são desregulares.

Além dessas violências, o *bullying* é o tipo de violência mais evidenciado quando se fala sobre violência na educação, isso porque os casos de *bullying* destacam-se das outras agressões por suas especificidades. Esses casos de violência entre pares são frequentes em diferentes meios sociais, como trabalho, templos ou escola. Contudo, as instituições de ensino se destacam entre as demais pelas variadas camadas de violências entre pares recorrentes no meio escolar. O *bullying*, assim como as demais violências, pode ser reconhecido por agressões físicas, ou seja, atacar a integridade física do outro; psicológica, utilizando do terror mental para induzir medo e angústia; Como também o *cyberbullying*, que vem atraindo atenção dos jovens por serem atrelado ao meio cibernético, por onde é praticado exposições, assédios e vitimizações de forma online (Silva et al., 2022). O chamado *bully*, ou valentão, pelo desejo de manterem uma posição de controle em seu ambiente, a escola no caso, executam ações violentas com a finalidade de estimularem em si mesmo a sensação de autoconfiança e poder (Pautz et al., 2015). Enquanto alguns pesquisadores afirmam que o desejo de provocar sofrimento em outra pessoa está relacionado apenas à insegurança do praticante, Zequinão et al. (2016, p.184) observam um padrão oposto na maioria dos praticantes: de autoestima, maior probabilidade de consumir produtos ilícitos, com personalidade mais descontraída e segura das suas ações, sem nenhum resquício de medo ou ansiedade. Esses traços são muito presentes nas obras do Dalton Trevisan, que abordam as condições extremas em que a violência pode condicionar a vítima e o agressor. No livro "O Vampiro de Curitiba" (1965), sob a visão do protagonista Nilsinho, um personagem com perfil predador, no qual faz com que as pessoas, em maioria mulheres, submetam-se à materialização dos seus desejos insaciáveis. O que pode ser observado quando o personagem avalia e expressa noções particulares sobre o outro, diminuindo e atacando pessoas com as quais têm contato sem responsabilidade emocional apenas para satisfazer suas incursões sexuais. Como Gruber et al.(2016 p. 6) afirmam: "Marcas estas que vão além das físicas. São marcas psicológicas, emocionais, sentimentais, afetivas, pois os agressores acabam por despertar nas vítimas os piores sentimentos possíveis: raiva, medo, vergonha, rejeição". Dessa forma, a escrita de Trevisan estimula no leitor a possibilidade de compreenderem como são os fatos do ponto de vista do agressor, desvinculando-se da interpretação padrão de um antagonista cruel e um herói justificado, conectando vários acontecimentos da vida de Nilsinho da sua forma mais crua, expressando, através seus feitos marcantes, um vislumbre deturpado sobre a mulher e suas subjugações por deduções limitantes.

Silva et al. (2021, p. 224) apresentam também à violência indireta, que circulam através de rumores, comentários despreziosos, apelidos pejorativos, etc. A razão pela qual é inconscientemente reforçada dentro das escolas é a naturalização, isso porque o atacado, ao tentar denunciar as violências, é recebido, muitas vezes, com comentários desestimuladores, levando-o à conclusão de que omitir seus relatos é o mais recomendável. Seus efeitos não são físicos, mas geram impactos que seguem do ambiente escolar até a vida adulta.

II. A literatura como meio de enfrentamento à violência

¹ UFPB, danieleghilario@gmail.com

A literatura é, desde as suas primeiras manifestações artísticas, fruto da natureza humana com interferências do tempo em que é ambientada. Por esse motivo, tem ligação com sua história, própria para explorar as relações de afeto, sensibilidade e paixão. Cosson (2006, p.19) observou que “na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos” e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que nós somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo de forma autônoma. No fim das contas, a literatura é a exteriorização dos desejos do escritor e de como ele pretende repassar suas perspectivas. Existem inúmeras formas de literatura, como contos, cordel e fábula. Contudo, cada um é a afirmação da agnição cultural de quem produz e de quem consome. Assim como Petit (2008, p. 29) “associa o fato de construir-se a si mesmo com a alteração produzida pelo encontro com um texto, até mesmo com uma simples linha”, a literatura pode, a partir dos seus conteúdos, idear ponderações nos leitores.

A escola passou por transformações desde o seu surgimento e, com isso, a forma de transmitir a literatura também passou por renovações. A prática antes mecânica, sem liberdade para gerar reconhecimento no aluno, agora tem independência para hábitos que possam cultivar a sapiência conforme as condições culturais dos seus alunos. Para isso, é preciso que a literatura seja acessível para quem vai ler, logo, precisam passar pelo processo de alfabetização alfabética e literária, para que, assim, seja possível a devida leitura dos livros. É claro que não existe apenas a literatura exclusiva com letras, onde a leitura escrita é a única existente. Existe a literatura infantil, voltada para as crianças e pré-adolescentes, com elementos visuais destacados, assim seu público-alvo, mesmo não tendo condições de ler livros escritos, compreenderá o que está nas obras. No entanto, até para a leitura desses livros, é preciso um leitor secundário, no caso da escola, o professor que lerá com base nas suas interpretações e repassará o conteúdo, fazendo os alunos fortalecerem componentes essenciais no seu próprio aprendizado. A literatura e a educação estão vinculadas desde sua origem. Logo, para estimular no ser humano o desejo pela literatura, é preciso que a escola seja um mediador para a formação interna e externa do sujeito (Zamboni et al., 2010), colocando obras literárias desde a Educação Infantil até o Ensino Médio ao contato dos alunos, para despertar neles o interesse sobre a literatura e o conhecimento que ela traz.

Os eventos de violência não deixarão de acontecer com simples ações pontuais, visto que é um problema com muitas dimensões. Todavia, pequenas ações podem ser capazes de influenciar o aluno que ainda não tem critério sobre o que é correto e incorreto. Ademais, a literatura se mostra um recurso útil para fazer os estudantes reconhecerem tipos de comportamentos violentos, suas consequências e formas de enfrentá-las adequadamente. Os textos literários são uma forma de fazer o cidadão entender o mundo à sua volta (Bajour, 2023), expandindo sua percepção sobre acontecimentos indevidos, isso porque o conhecimento abre o olhar para que cada um possa ler por si, podendo ter pensamentos sem interferências do outro.

Embora a literatura no Brasil ainda seja lida como algo das classes mais abastadas, Candido (1995, p.168-191) concebe o acesso à literatura como um direito humano, sendo um recurso à reafirmação de quem somos, mesmo considerando as limitações de cada realidade, negar ou desestimular o contato com ela na escola é um obstáculo para não assegurar a integridade social e espiritual dos alunos. Mesmo existindo regiões com alto índice de marginalização, preconceito e violência, o governo deve sustentar o acesso à cultura em todos os locais. Assim, Candido (idem, 1995, p. 191) afirma: “A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis de fruidores”.

III. Ernesto, de Blandina Franco e José Carlos Lollo: contribuições para o trabalho de prevenção à violência escolar

Este artigo, ao considerar obras com linguagem que possam transitar entre o público infantil até o público jovem, encontrou em Ernesto, de 2016, particularidades que possibilitam a introdução de múltiplas reflexões da autora Blandina Franco, nascida em berço literário, filha do dramaturgo Jorge Andrade e esposa do também autor-ilustrador José Carlos Lollo. A obra estrutura-se em torno de três principais: Ernesto, o narrador personagem e o leitor. A narração ocorre na terceira pessoa, ou seja, um narrador observador que apresenta para o leitor formas de exclusões direcionadas ao personagem Ernesto, mesmo que ela não seja evidenciada no contexto escolar, pela linguagem lúdica de Franco, os professores poderiam utilizar dessa obra para mostrar essas violências e os seus impactos.

Ernesto tem traços de um protagonista que é constantemente retratado em obras como em *As vantagens de ser invisível* (2007) do Stephen Chbosky que expõe um personagem sensível, com personalidade retraída que não reconhece normas sociais adequadas com seu modo disfuncional de agir ao redor de outras pessoas. Esse tipo de herói pode aguçar no leitor uma identificação, ao mostrar os traços sérios de alguém que tem dificuldade de ouvir, entender e falar com os outros da forma considerada apropriada ativando o sentimento de empatia ao se colocar no lugar dele, isso porque Ernesto é, mesmo que desajeitadamente, um indivíduo que busca aceitação e pertencimento, mas que pelo seu jeito desajustado acaba sendo excluído pelas crianças da sua idade, a exclusão acontece durante todas as idades, logo, dentro da sala de aula, independente da idade, quando é apresentada a obra, a reação esperada na maioria das vezes é negação de praticar. As raízes da exclusão são consequências indiretas do sistema socioeconômico, que em outras palavras, pessoas com maior carência material inclinam-se a sofrer maior segregação do resto da população. Esse tipo de discriminação pode ser ponderado quando o personagem Ernesto faz uso de roupas velhas que ao ver do narrador personagem, são de outras pessoas que foram passadas para ele, ainda afirma que por essas razões Ernesto é diferente. Afinal, na contemporaneidade, tudo aquilo que não é comum, é estranho, dessa forma, o estranho desperta medo que por sua vez provoca ações extremas. Por outro lado, não há como responsabilizar Ernesto por sua condição econômica, tendo em vista que essa é uma circunstância fora do seu controle.

Ademais, Ernesto também permite a reconstrução sobre como enxergamos o outro indefeso, apesar da idade do protagonista não ser dita, podem-se observar comportamentos inocentes, constante em crianças, logo, sendo interessante para um educador trabalhar essa literatura na Educação Infantil, que por os alunos serem mais afetivos e receptivos sentem de forma sentimental o choque das tentativas de aceitação de Ernesto, trazendo uma mensagem que realça a natureza ingênua da criança que incentiva a percepção pelo que outro sente. O personagem, após episódios traumáticos, passa a se reafirma que a melhor opção é distanciar dos seus conhecidos para evitar repreensão, contudo mesmo que não sofra distanciamento dos outros, ele ainda assim se sente melancólico, sendo assim, o livro promove no público leitor a dúvida sobre quais atitudes Ernesto tomou para ser tão discriminado e formas de lidar.

No Ensino Médio conflitos internos como culpa, consumação, angústia, medo, frustração e ansiedade são regulares, jovens estes que estão passando pelo processo de regulamentação das próprias emoções, ocasionando que essas sensações os domine, sendo consumido por um estado sombrio de desolamento, assim como Ernesto, esses leitores alunos demandam sentir orientação e acompanhamento, entendendo que não é preciso fugir desses momentos, como também reconhecer suas emoções são essenciais para a sua maturação psicológica. Então, Franco (2016), não mais o narrador personagem, levanta um questionamento ao leitor: que atitudes ele, o leitor, tomou durante toda história? Quais pensamentos e ações foram movidos na tentativa de ajudar Ernesto? Na maioria das obras, sejam literárias, cinematográficas, dramáticas colocam o personagem principal como alguém que o telespectador se identifica, todavia, a autora também coloca o outro no local de Ernesto. Logo, quando em uma leitura os papéis se invertem, o aluno não sendo mais a vítima, caso presenciasse um dos atos que Ernesto sofreu, tomaria alguma iniciativa em defesa dele?

Por meio da leitura de Ernesto, podemos colocar três papéis praticados: O agressor-atacante por muitas vezes atende a padrões de violências verbais, morais, psicológicas ou até físicas para reafirmar a si mesmo a posição de superioridade, direcionando de forma intencional nos outros a sua indiferença com a finalidade de despertar os piores estímulos, a quem podemos relacionar na ficção os comportamentos do narrador personagem. A vítima, por sua vez, é o alvo da violência que sempre atende características introvertidas, não combatendo aos ataques por não se sentirem seguros, desenvolvendo transtornos que interferem diretamente no seu emocional, impulsionando indiretamente a continuar esse ciclo de violência, o que acontece com Ernesto. Ocultamento muito frequente também entre o agressor-omisso que não tem comportamentos violentos, porém que opta pelo silenciamento para não se tornar alvo, Franco questiona ao leitor que se ele estivesse dentro da narrativa, ele tomaria alguma iniciativa a favor de Ernesto personagem. Sendo assim, a obra pode causar nos alunos a reflexão sobre como que ele está agindo diante do outro.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência escolar é um fenômeno com raízes sociais, por ser um problema estrutural, entende-se que uma simples proposta de intervenção não transformará esse fenômeno social, contudo quando a comunidade escolar admite esse problema dentro das suas responsabilidades e busca atualizar-se sobre esse tema, é um passo para se opor à sua naturalização habitual. Sendo ela, uma questão de saúde pública que vem sendo prejudicada com as sequelas mentais dos envolvidos, sendo alunos ou equipe

docente.

A literatura é, precisamente, um elemento da identidade cultural e, a partir dela, é possível dentro do ambiente educativo proporcionar momentos onde sejam utilizadas obras literárias com abordagens preventivas junto ao alunado. Nesse sentido, a obra Ernesto é uma fonte reflexiva que possibilitam ao leitor conscientiza-se sobre o papel que cada indivíduo desempenha dentro da sociedade. Portanto, pode a literatura se mostrar um canal pedagógico expressivo para auxiliar o professor a abordar o tema da violência escolar com os alunos, abrindo assim discussões e reflexões acerca de rejeição, medo, aceitação, empatia e respeito, estimulando os alunos a entender e respeitar o significado de tolerância e diversidade.

Para que assim, esse livro instigue uma sensibilização relacionada a padrões de comportamentos atroz e seus impactos, o que pode ser sentido pelo personagem principal Ernesto, reconhecendo esses atos de cunho violento possam ser transformados. Assim, aos poucos o leitor aluno construam o sentir do certo e errado, como também formas de contrapor esses episódios, Portanto, a literatura além de um material para o processo de ensino, é também um formador da identidade própria que possibilitam, dentro do espaço social, um pensar e agir afetivo.

Referências

BISPO, Fábio Santos. LIMA, Nádia Laguardia de. A violência no contexto escolar: UMA LEITURA INTERDISCIPLINAR. **Educação em Revista**. Belo Horizonte.v.30, n.02. p.161-180. Abril-Junho 2014.

BRASIL. Lei de discriminação ou preconceito. LEI Nº 9.459, DE 13 DE MAIO DE 1997. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso: em 18 maio, 2024.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas da leitura. Editora: Pulo do Gato. São Paulo. 2023.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Editora Ouro sobre azul. São Paulo. 1995.

CHBOSKY, Stephen. **As vantagens de ser invisível**. Editora Rocco. Estados Unidos. 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. Editora Contexto. São Paulo. 2006.

FRANCO, Blandina. LOLLO, José Carlos. **Ernesto**. Editora: Companhia das Letrinhas. São Paulo. 2016.

FORLIM, Bruna Garcia; STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 31, n. 3, p. 367-375, jul. 2014.

GIORDANI, Jaqueline Portella.; SEFFNER, Fernando.; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 1, p. 103-111, jan. 2017.

GRUBER, Cláudia. CAVALCANTE, Cláudia Garcia. A literatura como forma de combate à violência. In: Os desafios da escola pública paraense na perspectiva do professor DCE. **Secretaria do estado do Paraná**. Curitiba. 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_port_ufpr_claudiagruber.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2024.

PAULA E SILVA, Joyce Mary Adam de.; SALLES, Leila Maria Ferreira. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. **Educar em Revista**, n. spe2, p. 217-232, 2010.

PAUTZ, Sílvia. SOUZA, Antonio Escandiel de. CAMARGO, Maria Aparecida Santana. Uma abordagem teórica sobre o fenômeno bullying no cotidiano escolar. **Seminário de Educação no MARCOSUL**. Rio Grande do Sul. 2015. Disponível em<<https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2015/1%20%20ARTIGOS/UMA%20ABORDAGEM%20TEORICA%20SOBRE%20O%20FENOMENO%20BULLYING%20NO%20COTIDIANO%20ESCOLAR.PDF>>. Acesso em: 20 maio. 2024.

PAVARINI, Gabriela; LOUREIRO, Carolina Piazzarollo; SOUZA, Débora de Holanda. Compreensão de emoções, aceitação social e avaliação de atributos comportamentais em crianças escolares. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 24, n. 1, p. 135-143, 2011.

SILVA, Jorge Luiz da; BAZON, Marina Rezende. Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel de professores. Revista **Educação Especial**, vol. 30, n. 59, p. 615-628, 2017. Disponível em:<https://www.redalyc.org/jatsRepo/3131/313153445006/html/index.html>. Acesso: 29 de Maio. 2024.

SILVA, Suênia Tavares da. LEITE, Ivonaldo Neres. Pibic e a formação do professor pesquisador na (UFPB): relato de experiência. In: **Encontro Nacional de Ensino e interdisciplinaridade. 4. Simpósio: Universidade, programas formativos e formação humana/docente**. Mossoró. 2021. v 1. n. 25. ISSN: 2318-4175.

SILVA, Suênia Tavares da. LIMA, Jordânia Naiara dos Santos. LEITE, Ivonaldo Neres. O cyberbullyng em escolas públicas do vale do mamanguape-pb. VII CONEDU - Conedu em Casa. Campina Grande: **Realize Editora**, 2021. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/81112>>. Acesso em: 26/06/2024.

TREVISAN, Dalton. **O vampiro de Curitiba**. Editora Civilização Brasileira. São Paulo. 1965.

ZAMBONI, Ernesta. FONSECA, Selva Guimarães. Contribuições da literatura infantil para a aprendizagem de noções do tempo histórico: leituras e indagações. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 339-353, set.-dez. 2010. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

¹ UFPB, danieleguilario@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, violência escolar, Ernesto, escola